

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria da Conceição Pinto Inácio

IDENTIDADE E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2012

Maria da Conceição Pinto Inácio

IDENTIDADE E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Clenice Griffó

Belo Horizonte

2012

Maria da Conceição Pinto Inácio

IDENTIDADE E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Clenice Griffó

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador – Prof^a Dr^a Clenice Griffó – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Prof^a Dr^a Marcilaine Soares Inácio Gomes – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

As crianças pensam o mundo de um jeito especial e muito próprio. É a partir das relações que estabelecem com a realidade em que vivem, com o meio familiar e com as pessoas com quem necessitam se relacionar no cotidiano que elas passam a “ler” e compreender o mundo. Cabe à Educação facilitar essa “leitura” e compreensão, possibilitando, no processo inicial de escolarização, o reconhecimento, pela criança, da sua própria história de vida. É desejável resgatar a importância das suas ações e atitudes no processo de construção da história da humanidade, estimulando sempre a sua autoestima.

Daí o *Projeto Identidade e Alfabetização na Educação Infantil*, propondo atividades que sejam próprias do mundo lúdico e do imaginário da criança e que colaborem para a formação de uma identidade autêntica e respaldada em valores éticos necessários ao cidadão consciente do seu papel na construção da sua história e da história do outro.

Palavras-chave: Educação Infantil, Identidade, Alfabetização e Letramento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	07
2.1 Conceito de Identidade	08
2.2 Construção da Identidade	10
2.3 O Processo Educativo na Construção da Identidade	13
2.4 O Lúdico na Construção da Identidade	18
2.5 A alfabetização e o Letramento	25
3. JUSTIFICATIVA	29
4. METODOLOGIA	32
5. OBJETIVOS	33
5.1 Geral	33
5.2 Específicos	33
6. CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DO PLANO DE AÇÃO	37
7. RESULTADO E ANÁLISE	38
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
9. REFERÊNCIAS	44
10. ANEXOS	46

1. INTRODUÇÃO

A construção da identidade se dá por meio das interações da criança com o seu meio social. A escola é um universo social diferente do da família, favorecendo novas interações, ampliando, desta maneira, seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. A autoimagem também é construída a partir das relações estabelecidas nos grupos em que a criança convive. Um ambiente farto em interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promovendo o reconhecimento das diversidades, aceitando-os e respeitando-os, ao mesmo tempo, que contribui para a construção da unidade coletiva, favorece a estruturação da identidade, bem como de uma imagem positiva. Propiciar atividades que possibilitem aos alunos o conhecimento de si mesmo, levando-os a descobrir, sentir que possuem um nome, uma identidade e que fazem parte de um conjunto de pessoas tanto em casa, como na escola e na comunidade e que, acima de tudo, são muito importantes.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Escola Municipal Acadêmico Vivaldi Moreira fica localizada na regional Norte de Belo Horizonte, Bairro Jacqueline, na Rua Agenor de Paula Estrela, número 380. A Escola é fruto da luta dos moradores do Bairro, que conseguiram, através do Orçamento Participativo, a verba para a construção do atual prédio.

As atividades escolares, no entanto tiveram início em 2002, no espaço cedido pela Igreja de Nossa Senhora do Belo Ramo, tendo sido acolhida pelo Padre Ademir, sob a orientação do Arcebispo Dom Serafim Fernandes, onde permaneceu por cinco anos e meio.

Com a inauguração do novo prédio, destinado ao Ensino Fundamental e Educação Infantil, a Escola ampliou seu atendimento, que era de 300, para 1300 alunos, distribuídos entre os três turnos e UMEI Juliana. Com o crescimento do contingente atendido pela escola foi implantada a Escola Integrada, oferecendo, além de intervenção pedagógica e informática, também atividades culturais e esportivas.

As crianças e adolescentes atendidos pela Escola Integrada chegam pela manhã, tomam café e seguem para o laboratório de informática e/ou Igreja de Nossa Senhora do Belo Ramo, nossa parceira, onde participam das diversas atividades extra-turno. Ao final do turno da manhã é servido o almoço, extensivo a todos os alunos do turno, e às 13:00 horas, esses alunos assistem às aulas do seu turno, acontecendo o inverso com os alunos que estudam no turno da manhã e ficam para as atividades à tarde.

Buscando Oportunizar ao aluno novas aprendizagens, a Escola tem oferecido oficinas diversificadas uma vez por mês, ministradas por professores de arte contratados pela Caixa Escolar, nos turnos manhã e tarde, e semanalmente no turno da noite, que oferece oficinas de Arte Cênica e Dança de Rua, para todos os alunos da Escola, independente do turno.

Além dessas opções, contamos também com as iniciativas individuais, como o incentivo dos professores para que os alunos participem de concursos e eventos da escola.

Investindo na aprendizagem da leitura e escrita a Escola mantém a “Leitura em Minha Casa”, que acontece desde a educação infantil. Além do constante

investimento na produção textual dos alunos e ampliação do acervo da biblioteca, que hoje é de 7.850 livros, entre eles: revistas (Época, Isto é, Criativa, Galileo, Atrevida, Turma da Mônica tradicional e Turma da Mônica Jovem), periódicos (Nova Escola; Ciência Hoje das Crianças, Pátio - Educação Infantil, Carta na Escola, Presença Pedagógica, Língua Portuguesa, História, Geografia), jornal Estado de Minas, jogos e brinquedos pedagógicos, CDs, DVDs, globo terrestre e planetário, a mesma tem oferecido aos alunos, Intervenção Pedagógica em pequenos grupos, com os professores do 3º ciclo no formato de enturmação flexível, no 2º ciclo.

Nesses dez anos temos podido contar com a parceria do Centro de Saúde local, que tem proporcionado o acompanhamento oftalmológico, dentário e demais demandas da Escola relacionados à saúde da comunidade escolar, oportunizando a inclusão, integração, socialização de todos aqueles que chegam à Escola.

Salientamos também o apoio das famílias, que reconhecem e valorizam o trabalho, feito com seriedade e responsabilidade, por todos que trabalham no espaço escolar, visando o crescimento físico saudável, intelectual, afetivo e social de cada aluno, na pretensão de que, caminhem rumo ao segundo e terceiro graus e pela vida, com segurança e determinação.

2.1 Conceito de Identidade

A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal.

Este trabalho procurou elaborar um conceito de identidade partindo da concepção de que a identidade pessoal caracteriza-se como “a qualidade ou condição de cada ser humano individual ser ele mesmo nos aspectos peculiares de sua própria personalidade e nas suas relações sociais, estando consciente disso” (DAUNES, 2000).

Para a compreensão da identidade torna-se necessário o estudo de alguns conceitos como o eu, o *self*, a individuação e a personalidade dentre outros. Através do processo da individuação, “o eu pessoal autoidêntico, a personalidade

torna-se o próprio *self* no sentido de auto realização pessoal” (DAUNES, 2000). Portanto, a individuação é o processo pelo qual o indivíduo busca tornar-se cada vez mais o quem individual. A individuação amplia, integra, organiza e estrutura o *self* ou a personalidade. Segundo JUNG, 1972:

A individuação pode ser considerada como o processo ou a trajetória pela qual o indivíduo tenta buscar ser cada vez mais o “quem” individual (o *self*) que ele sempre, na verdade, já é. Portanto, a individuação consiste em ampliar, integrar, organizar e estruturar o próprio *self*, a personalidade. O eu, como centro da consciência pessoal, é um elemento essencial que faz parte do *self*. Mas, o *self* é muito mais abrangente do que o eu. O eu (ego) deve ligar-se ao *self*, como, por exemplo, para chegar a entender e aceitar os processos inconscientes que o influenciam ou determinam.

A compreensão mais profunda do eu pessoal também se faz necessária para o conceito da identidade. O “eu” caracteriza-se como “o centro da personalidade, ele possui a função de organização e elaboração das vivências pessoais, assim como os eventos e processos, tanto conscientes como inconscientes” (DUANIS, 2000).

Na elaboração de um conceito de identidade também revela-se de grande importância uma compreensão mais profunda sobre o eu pessoal. Daunis o descreve como um ponto central de referência, “o *miolo da personalidade*”. Segundo o mesmo: O eu coordena ou organiza as vivências e experiências pessoais assim como os eventos e processos, tanto conscientes quanto inconscientes, que o atingem e determinam. O eu garante a continuidade da identidade e da personalidade própria através das mudanças da vida (DAUNES, 2000).

Paul Ricoeur, conforme citado por Dauni (2000), trabalha o conceito de identidade abordando a temática da identidade narrativa, analisando as atividades básicas do eu, como falar, agir, sofrer, gozar, descrever a outros e descrever-se a si mesmo. Formulando a partir daí, uma ética da autonomia do si-próprio, intimamente ligada à ética da solicitude com o próximo e da justiça para com cada ser humano. Para ele a identidade é composta da identidade-*idem*, caracterizada como a mesma idade do eu, e a identidade-*ipse*, que seria a sua identidade reflexiva.

O conceito de identidade também atinge aspectos essenciais da psicologia do desenvolvimento de crianças e adolescentes. Neste sentido, a identidade

envolve a coordenação de duas tarefas: orientar-se e ser orientado. Isso requer a necessidade de experimentar ou poder provar diversos papéis mediante identificações transitórias.

Daunis define que a identidade pessoal pode ser descrita ou definida como a qualidade ou condição de cada ser humano individual de ser ele mesmo nos aspectos característicos da própria personalidade e interações com os outros, possuindo a consciência deste processo.

Segundo Daunis, o conceito de identidade está relacionado com o processo de desenvolvimento humano, pois, a vida encontra-se em constante movimento. Este movimento gera mudanças, transformações e dessa forma, o homem se desenvolve. Para o autor a identidade encontra-se entrelaçada a estes fatos na medida em que se caracteriza como a observação da continuidade pessoal, ou seja, a identidade vai de encontro ao sentimento de segurança interior, e do que isto representa para aqueles que fazem parte de seu convívio social.

2.2 Construção da Identidade

A construção da identidade se dá por meio das interações da criança com o seu meio social. A escola é um universo social diferente do da família, favorecendo novas interações, ampliando desta maneira seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. A autoimagem também é construída a partir das relações estabelecidas nos grupos em que a criança convive. Um ambiente farto em interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promova o reconhecimento das diversidades, aceitando-as e respeitando-as, ao mesmo tempo em que contribui para a construção da unidade coletiva, favorece a estruturação da identidade, bem como de uma imagem positiva.

A identidade da criança é construída a partir das relações sócio-histórico-culturais. As crianças pensam o mundo de um jeito especial e muito próprio. É a partir das relações que estabelecem com a realidade em que vivem, com o meio familiar e com as pessoas com quem necessitam se relacionar no cotidiano que elas passam a “ler” e compreender o mundo. Cabe à Educação facilitar essa “leitura” e compreensão, possibilitando, no processo inicial de escolarização, o

reconhecimento, pela criança, da sua própria história de vida. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 2001:

“A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inscrita em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (...)”

De acordo com Daunis, as variantes mais destacadas das diversas perspectivas inter-relacionadas com a construção da identidade tem haver diretamente com a confiança, autoestima, imagem corporal e imagem da própria personalidade, percepção e autopercepção, experiências passadas e vivências presentes nas interações psicossociais de escolha de papéis.

Assim ressalta-se que a identidade desabrocha na infância, que se organiza em tomadas sucessivas de identificações com a mãe, o pai e outros referenciais, todavia, estas identificações são parciais. A personalidade percorre, em sua estruturação, três fases consecutivas e determinantes, que justamente na sua sequencia, são relevantes para a construção da identidade, que é a introjeção, a identificação e a identidade pessoal.

Para Daunis a estrutura da identidade pessoal revela o fato de que todo indivíduo é único, vive certa continuidade consigo mesmo e deve possuir clareza em relação a estes fatos. Entretanto, ao mesmo tempo em que existe a consciência da própria identidade pessoal, existe também o fato do inconsciente determinar a personalidade, fazendo parte também da identidade.

Assim, a construção da identidade caracteriza-se por ser um processo muito complexo, ocorrendo em diferentes níveis. O sentimento de identidade se processa nos planos sexual, social, profissional, entre outros, a partir de identificações. No plano social, os valores culturais se formam através da introjeção de normas, hábitos, leis e preconceitos e são fatores determinantes na construção da identidade. A construção de uma identidade sadia envolve também, um processo de formação do sujeito, que se realiza de um modo

descontínuo, sendo assim, marcado por crises, estudadas em diferentes contextos teóricos, como, por exemplo, na tradição teórica analítica ou na cognitiva do desenvolvimento.

Daunis observa que é através do processo de individuação, que o sujeito tem a possibilidade de se reestruturar e transformar aquilo que for necessário para uma maior integração da sua personalidade. Destaca que, assim a pessoa pode estruturar uma ordem psíquica autocongruente e distinguir-se dos outros.

Os aspectos mais destacados das várias perspectivas inter-relacionadas na tarefa de encontrar ou elaborar a identidade pessoal, de acordo com a observação de Daunis, estão relacionados com: a confiança, autoestima, imagem corporal e imagem da própria personalidade; a percepção, a autopercepção, experiências passadas e vivências presentes nas interações psicossociais e de escolha de papéis (aceitação, rejeição, relacionamentos, fuga), autoafirmação e auto-realização, escolha afetiva e profissional, eventualmente escolha de cultura e de nacionalidade; e, lidar com os dilemas básicos da vida.

O complexo processo de construção da identidade e da autonomia depende tanto das interações socioculturais como da vivência de algumas experiências consideradas essenciais associadas à fusão e diferenciação, construção de vínculos e expressão da sexualidade.

A aprendizagem infantil se estabelece através de uma “práxis” pedagógica que leve em consideração a criança como um ser com características e ritmos próprios, os quais podem ser trabalhados através de atividades lúdicas, as quais contribuem para a vida afetiva pela satisfação encontrada nas atividades, e pelo alívio de tensões que permitem um clima de satisfação para o aluno, assim como encorajam o desenvolvimento intelectual por meio de exercício da atenção e da imaginação, e também pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos (comparação e discriminação) e pelo estímulo imaginativo.

O ser humano inicia o desenvolvimento da sua identidade através da interação que mantém com o meio em que vive, iniciando na infância. A construção da identidade apresenta diversas variáveis sócio-histórico-culturais.

A construção da identidade é um processo que acontece praticamente durante toda a vida do indivíduo. A cada experiência vivida, a cada problema enfrentado, se está alimentando o processo de construção da identidade. As condutas, as

opiniões, os pontos de vista de hoje podem ser diferentes dos de amanhã. Isto porque o indivíduo vive num processo permanente de construção de identidade, sendo sempre, influenciado pelo meio em que vive. Ninguém age igual, da mesma forma, o tempo todo.

Os primeiros contatos com o meio devem ser bem explorados, pois já está iniciado o processo de construção da identidade. Deve-se trabalhar a motivação pedagógica à curiosidade, ao estímulo do desenvolvimento da fala e dos movimentos, ao convívio social e tantos outros itens, que quando estimulados, agem como diferencial no desenvolvimento sócio-cognitivo da criança.

Justamente através das atividades rotineiras é que a aprendizagem deve ocorrer. O simples rolar sobre o próprio corpo dando início ao processo de autonomia do movimento, a tentativa de comunicação através de gestos e expressões faciais, a exploração do corpo ao analisar atentamente as mãozinhas deve ser estimulada. Também novos desafios devem ser propostos como incentivo à autonomia e independência da criança. Estes pilares são fundamentais para o desenvolvimento da identidade que inicia sua aplicabilidade na cidadania e não para a cidadania.

Este projeto tem como finalidade estudar a influência do processo educacional na construção da identidade dentre outras manifestações, corporais, comportamentais ou intelectuais.

2.3 O Processo Educativo na Construção da Identidade

A forma como ocorrerá o desenvolvimento e a vida escolar possuem influência fundamental no processo de formação da personalidade, da identidade e do futuro das crianças.

O ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes. Dependendo da maneira como é tratada a questão da diversidade, a instituição pode auxiliar as crianças a valorizarem suas características étnicas e culturais, ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando é conivente com preconceitos.

Para a compreensão da constituição do ser e seu comportamento torna-se imprescindível observar as teorias da educação e aprendizagem e compreender seu caráter ideológico.

Neste aspecto torna-se importante a análise do currículo, pois, este é caracterizado como lugar, espaço, território, mas também relação de poder, como uma trajetória, uma viagem, uma autobiografia, onde a identidade se forja (SOARES, 2001). Essa dimensão leva a compreender a identidade como resultado de sua ação, o que acarreta para a educação, não apenas escolar, mas responsabilidades sobre o ser das pessoas. Assim como, as instâncias culturais também influenciam na formação da identidade.

As formas de se educar e as consequências que a educação tem na vida das pessoas são essenciais para a compreensão de como o homem se organiza e estrutura sua identidade. Para Daunis, o ser humano possui a especificidade da necessidade de ser socializado e inserido na cultura, para dessa forma, poder viver de forma satisfatória em todos os âmbitos da vida. Assim, ele enfatiza que na medida em que cresce na sua autonomia e identidade, é o indivíduo que tem que definir e determinar qual é o seu sentido de vida e qual deve ser a sua conduta. Segundo DAUNIS, 2000:

O ato de educar nos dias de hoje tornou-se um desafio muito maior, tanto em casa como nas escolas. Segundo sua observação, as maiores dificuldades estão ligadas as inúmeras contradições e inseguranças decorrentes das mudanças na sociedade pós-moderna. Por isso, torna-se cada vez mais importante pais e professores desenvolverem a capacidade da percepção e de ter clareza quanto a forma de lidar e educar os jovens.

Outro fator que Daunis (2000) destaca é a questão de que com muita facilidade, atualmente, os pais confundem o que é dar liberdade e propiciar o crescimento dos filhos com a permissividade total. Quando isso acontece, geralmente, ignora-se a necessidade de definir e estabelecer uma linha diretriz que norteie a educação/formação/orientação desejada. Acarretando certamente prejuízos à vida dos filhos, que acabam ficando sem referencial.

Conforme Soares (2001), tanto as teorias críticas como as pós-críticas do currículo apontam significados que ultrapassam os limites conformados pelas teorias tradicionais em uma conceituação ampla. Esta conceituação, no entendimento de Soares define que currículo é lugar, espaço, território, mas, em

contrapartida relação de poder. O currículo é também uma trajetória, viagem, percurso, autobiografia. E cabe também considerá-lo um discurso, um documento, onde a identidade se também se constitui.

Essa dimensão do currículo nos leva a compreender a identidade também como o resultado de sua ação, o que acarreta para a educação, não apenas a escolar, responsabilidades sobre cada indivíduo. No entanto, segundo Soares (2001), a formação da identidade sofre também as influências dos processos culturais manifestados através de sistemas de significação, caracterizados pelos museus, filmes, livros, turismo, ciência, televisão, publicidade, artes visuais, músicas entre outras instâncias culturais localizadas.

Dessa forma, pode-se dizer que as diversas instâncias culturais são pedagógicas e encerram ensinamentos, como a educação sistematizada, nos currículos escolares. Para a autora, educação e cultura geral estão coladas ao processo da identidade e subjetividade, permitindo então a síntese: a cultura em geral é vista como pedagogia e, esta, por sua vez, é vista como cultura. As instâncias culturais mais amplas também têm seu currículo e pedagogia e transmitem conhecimentos vitais na formação da identidade. São aprendizagens que ocorrem através da mensagem publicitária, textos, músicas, filmes, reportagens veiculadas na televisão, enfim, elementos que ultrapassam os limites do entretenimento e informação, passando a constituir referência de comportamentos e tendências determinantes nas relações econômico-sociais do indivíduo. Assim como, na formação de seus valores, os quais serão elementos importantes na construção da identidade pessoal (SOARES, 2001).

Já Daunis (2000) destaca os tipos de estilos educativos e suas influências. De acordo com a pedagogia humanista o referido autor divide os estilos educacionais em: autoritarismo tradicional e dominação patriarcal; pseudodemocracia e indiferença permissiva e autoridade participativa e cooperação em sistemas de convívio ou parcerias de “desiguais”.

Após análise desses modelos torna-se de grande relevância definir e estabelecer uma linha educacional adequada, pois, as tarefas educacionais, no lar e na escola, tornaram-se muito mais complexas na atualidade. Para aqueles que desejam educar se faz necessário definir e estabelecer uma diretriz educacional, pois, quem educa também influencia.

Dessa forma, a construção da identidade relaciona-se diretamente com o processo educacional, na medida em que esforços educacionais responsáveis e adequados tem como orientação a busca do bem estar integral dos filhos ou alunos. O grande interesse é apoiar o desenvolvimento integral nos âmbitos físico, psicossocial, intelectual e espiritual. Isso significa, saber conduzir as crianças com firmeza, mas flexivelmente, e os jovens, de acompanhá-los de forma aberta, mas consequente.

Neste contexto, a escola entra como o lugar onde os filhos e alunos vivem diversas experiências, que pode proporcionar chances e perspectivas ou pode também causar bloqueios ao desenvolvimento psíquico, intelectual e social.

Tem-se a importância de se aprender a aprender, desenvolvendo uma aprendizagem autônoma e pessoal. Esse aprender a aprender visa essencialmente o desenvolvimento da capacidade de pensar, julgar e agir de maneira independente. O que implica que os alunos sejam focados como sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

Para que crianças e jovens sejam construtores ativos da cidadania implica uma prática educativa de participação e diálogo. Assim, torna-se fundamental o envolvimento pessoal na aprendizagem, interligando a tarefa de conscientização para atuação na sociedade com a construção da subjetividade.

A aprendizagem tem a qualidade de um envolvimento pessoal, o sujeito como um todo se inclui no fato da aprendizagem, relacionando-se diretamente com o processo de construção da identidade.

A identidade pessoal tem essencialmente a ver com a configuração interna da personalidade. Por conseguinte a formação da personalidade e a elaboração bem sucedida de uma identidade pessoal dependem, por sua vez, das condições ambientais. Também na era pós-moderna, o meio social imediato (família e escola) favorece ou bloqueia, mediante a educação, o desenvolvimento pessoal.

O papel da escola na socialização é dar condições para que o educando desenvolva a autonomia juntamente com a construção da identidade e de novos conhecimentos. E a plena formação da identidade pode ser melhor à medida que ocorrer cooperação entre a família e a escola. O diálogo constante e o apoio mútuo permitem a troca produtiva das características que diferenciam uma e outra. Assim, o afeto familiar é levado para a escola e a metodologia do trabalho

educacional passa a influir mais decisivamente em casa e, por conseguinte, na formação da identidade propiciando a construção de uma identidade forte e sadia.

Conforme Daunis (2000) a identidade tornou-se um conceito chave e um estudo interdisciplinar imprescindível, enfatizando que:

A identidade atinge aspectos essenciais da psicologia do desenvolvimento de crianças e adolescentes. Neste sentido, a identidade envolve a coordenação de duas tarefas ou exigências: orientar-se e ser orientado. Isso implica a necessidade de experimentar ou poder provar diversos papéis mediante identificações transitórias. E coordenar essas perspectivas é, tendo em vista o caráter difuso e complexo da sociedade pós-moderna, uma tarefa nem sempre fácil de realizar.

O processo de construção da identidade se relaciona com o processo educativo. Neste sentido, Soares que destaca que para a compreensão da constituição do homem, esbarraremos, com as teorias da educação e aprendizagem e no entendimento do seu caráter ideológico, que contribuem para instalar e manter crenças e valores dominantes, ao estabelecer qual conhecimento é válido para que fim, em que medida e dosagem, proporção e tempo.

Desde a infância, estendendo-se às fases posteriores, os objetivos da educação devem voltar-se à preservação do ser, sua edificação natural, num processo de constituir-se buscando correspondências com a natureza, sociedade ou objeto e, numa etapa posterior, decidir sobre suas direções e crenças. Ou seja, a educação deve estar a serviço do homem, contribuindo também para a construção de identidades fortes e saudáveis (SOARES, 2001).

Dessa forma, quem se dispõe a educar necessitará definir e estabelecer uma linha educacional. Conforme Daunis, definir significa que a linha deve ser clara e fundamentada com relação a metas, a vias ou estratégias e aos comportamentos. A relação intrínseca entre metas e vias deve ser lógica e coerente, o que fundamenta a validade das regras. Nenhuma criança ou jovem aceita uma educação que não seja coerente ou que não esteja de acordo com sua realidade, e isto pais e professores devem sempre observar.

A construção da identidade relaciona-se diretamente com o processo educacional, no sentido de que a escolha e a aplicação de um modelo educacional eficaz vai resultar no bem estar integral dos filhos ou alunos. O alvo é

apoiar o desenvolvimento integral nos âmbitos físico, psicossocial, intelectual e espiritual. Isso significa, no que diz respeito ao estilo de educar as crianças, conduzir com firmeza, mas flexivelmente. Para os jovens, isto significa estar com os mesmos, de forma aberta, mas, consequente.

No entanto, com a escolha de uma linha educacional adequada e coerente para cada faixa etária, tanto o ato de educar, quanto quem recebe esta educação podem passar por este processo de forma mais tranqüila e produtiva e também, dessa mesma forma, construir e desenvolver sua identidade pessoal concomitantemente.

2.4 O Lúdico na Construção da Identidade

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais. (LOPES, 2006)

O lúdico enquanto recurso pedagógico na aprendizagem deve ser encarado de forma séria, competente e responsável. Usado de maneira correta, poderá oportunizar ao educador e ao educando, importantes momentos de aprendizagens em múltiplos aspectos.

Considerando-se sua importância na aprendizagem, o lúdico favorecerá de forma eficaz o pleno desenvolvimento das potencialidades criativas das crianças,

cabendo ao educador, intervir de forma adequada, sem inibir a criatividade da criança. Respeitando o desenvolvimento do processo lúdico, o educador poderá desenvolver novas habilidades no repertório da aprendizagem infantil.

Neste contexto, o trabalho enfatiza o resgate do lúdico na formação das crianças pelo fato de tal expressão visar o divertimento sem objetivar resultados materiais apenas a aprendizagem através de situações em que não estão presentes o conflito, a ansiedade ou atenção.

(...) é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externo. (VIGOTSKY, 1989)

Brincando, a criança exercita suas potencialidades e se desenvolve. O desafio, contido nas situações lúdicas, provoca o pensamento e leva as crianças a alcançarem níveis de desenvolvimento que só as ações, por motivações intrínsecas conseguem. Ela age, esforça-se sem sentir cansaço; não fica estressada porque está livre de cobranças; avança, ousa, descobre, realiza com alegria, sentindo-se mais capaz e, portanto, mais confiante em si mesma e predisposta a aprender.

Por sua vez a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu conhecimento e sua compreensão de mundo que influencia significativamente no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo da criança, mas a escola lhe nega, muitas vezes, o direito de brincar, e por isso, aprendendo com prazer obrigando-a a calar-se, a parar de movimentar-se, de exercitar sua criatividade e aprender passa a ser uma tarefa penosa. Sobre este aspecto Cunha (1988) afirma:

(...) no brinquedo existe necessariamente participação e engajamento, o brinquedo é certamente uma forma de desenvolver a capacidade de engajar-se, de manter-se ativo e participante. A criança que brinca bastante será um adulto trabalhador. A criança que sempre participou de jogos e brincadeiras grupais saberá trabalhar em grupo; por ter aprendido a aceitar as regras do jogo, saberá também respeitar as normas grupais e sociais. É brincando bastante que a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar e engajar-se na vida de sua comunidade.

As atividades lúdicas envolvem as crianças entre si. A participação cooperativa favorece a aprendizagem, diminui o egocentrismo o que favorece a socialização. Com relação à socialização proporcionada no desenvolvimento das atividades lúdicas, VYGOTSKY apud REGO (1995) nos diz:

(...) A brincadeira tem a função significativa no processo de desenvolvimento infantil. Ela também é responsável por criar uma zona de desenvolvimento proximal justamente porque, através da imitação realizada na brincadeira, a criança internaliza regras de conduta, valores, modo de agir e pensar de seu grupo social, que passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento.

Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes tais como, atenção, imitação, memória, imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis.

Se o brinquedo fosse estruturado de tal maneira que não houvesse situações imaginárias, restariam apenas regras. Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras. No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de uma personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas. No momento em que evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias, brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.

Vygotsky não agiu em suas pesquisas como mero observador, mas interagiu com as crianças para reconhecer e verificar as suas potencialidades. Devido a este aspecto de sua concepção, ainda mais nos identificamos com a relação de suas ideias.

Para Vygotsky existem dois elementos importantes nas brincadeiras infantis: a situação imaginária e as regras. Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias da criança e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente. Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizam a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária. Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade

interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade.

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. A criança não realiza esta transformação de uma só vez porque é extremamente difícil para ela separar o pensamento dos objetos.

Outro aspecto na teoria de Vygotsky que é importante mencionar, refere-se à relação que estabelece entre o desenvolvimento das brincadeiras simbólicas e aquisição da linguagem escrita. Segundo ele, este se constitui em um sistema simbólico que representa a realidade. Deste modo, considera as brincadeiras das crianças como estágio preparatório para o desenvolvimento da língua escrita.

Vygotsky analisa a brincadeira dentro de uma perspectiva biológica, considerando-a como um elemento constituído sócio-historicamente pelo indivíduo e que se modifica, em função do meio cultural e da época em que o sujeito está inserido.

Acredita-se ser necessária uma sucinta discussão sobre o desenvolvimento humano dentro dessa concepção teórica para se entender o papel da brincadeira nesta linha de pensamento. Partindo do conceito de Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal, buscou-se maior esclarecimento sobre o processo de desenvolvimento humano. Tal conceito refere-se às funções emergentes – “tudo o que o sujeito ainda não é capaz de realizar sozinho, mas com a ajuda de alguém mais experiente” – e funções autônomas – “já interiorizadas, envolvendo aquilo que o sujeito realiza sozinho”.

A zona de desenvolvimento proximal é, portanto, o encontro do individual como o social, sendo a concepção de desenvolvimento abordada não como processo interno da criança, mas como processo resultante da sua inserção em atividades socialmente compartilhadas com outros. Nas palavras de Vygotsky, “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução e problema sob a orientação de um adulto, ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (Vygotsky, 1984, p. 97)

Nesse contexto, o conhecimento é construído através das relações interpessoais, sendo que as trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida fornecem as matrizes de significações na formação do indivíduo. Nesse processo de interação, os interlocutores participam de forma ativa, constituindo-se enquanto pessoa humana e constituindo o outro, num movimento dinâmico de ação-relação, em que as representações e significados vão se construindo.

Essa concepção reconhece o papel da brincadeira para a formação do sujeito, atribuindo-lhe um espaço importante no desenvolvimento das estruturas psicológicas, destacando-o pela sua plasticidade, capaz de novas articulações em função das mudanças que ocorrem no meio e das transformações histórico-culturais. De acordo com Vygotsky, “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva” (VYGOTSKY, 1984, p 109).

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma opção que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consequência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda a brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada.

Isso significa que uma criança que, por exemplo, bate ritmicamente com os pés no chão e imagina-se cavalgando um cavalo, está orientando sua ação pelo significado da situação e por uma atitude mental e não somente pela percepção imediata dos objetos e situações.

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que apresentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam ao acontecimento que lhes derem origem, sabendo que estão brincando.

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças

agem frente à realidade de maneira não liberal transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar, progressivamente, suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil.

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros, etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes se encontram ainda, fragmentados.

É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disso e generalizando para outras situações.

Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os papéis que irão assumir no interior de um determinado tema e enredo, cujos desenvolvimentos dependem unicamente da vontade de quem brinca.

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção

resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental pra brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas: brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção e brincar de regras.

As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais didáticos, corporais, etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.

As brincadeiras proporcionam flexibilidade, organização e objetivos. Existem determinados objetivos que se podem atingir mediante o recurso à brincadeiras específicas, desde que se controlem as suas orientações.

As brincadeiras podem ser praticadas de maneira construtiva e não como uma série de preenchimento de lacunas em lições, ou como atividades sem sentido. As brincadeiras podem resolver problemas, ajudar a remover as barreiras entre os indivíduos, criar interesses e despertar entusiasmo. Colocadas em prática com uma finalidade e com eficiência, podem tornar-se a moldura na qual se desenvolverá todas as outras atividades.

O brincar colabora com a promoção da comunicação afetiva, alarga determinadas áreas de reações e, como reforço, dá às crianças maior segurança, desenvolve suas ideias e a sua própria expressão. O prazer gerado a partir das brincadeiras resulta, mais do que qualquer outro recurso, no desenvolvimento da identidade de grupo. Enfim, criança precisa de brincar para aprender com eficiência.

Em recentes pesquisas sobre as relações entre brincadeira e educação, constata-se que a aprendizagem é o mais frequente motivo pelo qual o brincar é considerado importante para a educação infantil, onde muitos educadores ainda

são resistentes a assimilá-los à aprendizagem, ainda que reconheçam sua importância para o desenvolvimento da criança.

Uma hipótese para entender tal posição é que durante muito tempo, a definição de sua identidade profissional baseou-se na oposição entre brincar e estudar – a escolinha e a creche são lugares pra brincar, a escola é para estudar. No entanto, quando os educadores admitem que brincar é aprender, não é no sentido amplo, e sim como resultado do ensino dirigido, em que tudo acontece, menos o brincar, tentando instrumentalizar aquilo que é indomável, espontâneo e imponderável.

2.5 A alfabetização e o Letramento

A alfabetização é um processo que tem passado por muitas propostas e transformações nas últimas décadas.

No Brasil, os estudos psicogenéticos de Piaget, em especial a partir da década de 70, interferiram radicalmente na visão que se tinha a respeito da aprendizagem, passando do processo de ensinar para o processo de aprender, vinculado ao desenvolvimento do indivíduo.

Já a partir da década de 80, Emília Ferreiro e Ana Teberosky desenvolvem estudos e pesquisas sobre o aprendizado da escrita (a psicogênese da língua escrita), que altera profundamente a visão sobre os processos de alfabetização.

A alfabetização deixa de ser considerada mero processo de codificação e de decodificação de sinais gráficos no ensino da leitura e escrita. A escrita é compreendida como função social e assume o papel de eixo estruturador da alfabetização e o aluno passa a ser o sujeito de seu aprendizado e, no processo, atribui significados à escrita além de compreender o contexto em que a escrita se insere, processos de interlocução real que fazem uso da leitura e da escrita para a comunicação.

O processo de alfabetização vem passando por diversas mudanças devido aos novos meios de comunicação que surgiram com as novas tecnologias do mundo pós-moderno. As relevantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas o desenvolvimento tecnológico e o

aprimoramento de novas maneiras de pensamento sobre o saber. Dessa forma todos que pretendem transitar livremente nos contextos sociais precisam estar capacitados para essas práticas e essa capacitação requer dois aspectos ou “facetas” como propõe Magda Soares. Por isso, é que as escolas vem trabalhando o letramento juntamente com a leitura e a escrita, isto é, alfabetizar os alunos e desenvolver as habilidades necessárias para que utilizem a língua nas práticas sociais cotidianas.

Pode se dizer que a alfabetização é um conjunto de habilidades, caracterizando como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado, ao qual referem-se, fundamentalmente, às perspectivas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística, acrescentando os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que os condicionam.

O letramento, diferentemente da alfabetização, não é o ensino da leitura e da escrita, é a utilização e prática das mesmas de maneira adequada às demandas sociais de leitura e escrita. Os indivíduos alfabetizados aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, os mesmos adquirem competência para usar a leitura e a escrita e envolver-se com as práticas sociais de escrita. O letramento de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais. O letramento é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Letramento é o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.

Com o desenvolvimento tecnológico e as transformações sociais pelas quais a sociedade vem sofrendo, onde informações e descobertas acontecem em frações de segundos, o processo de desenvolvimento da prática pedagógica torna-se um importante aspecto na evolução da alfabetização e letramento, pois é nela que são promovidas as mais importantes formulações teóricas sobre o desenvolvimento cultural e social de todo indivíduo. Dessa forma, acaba tomando um lugar central na busca de perspectivas que possibilitem a melhoria da prática

educacional, envolvendo principalmente alfabetizadores que conduzem o ambiente escolar, transformando o ensino em parte integrante ou principal na motivação dos mesmos. Diante dessas transformações faz-se necessário que o educador passe a vivenciar as transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo de alfabetização e letramento, sem ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

A sociedade atual se vê confrontada com o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta refletindo diretamente nas ações voltadas para o aprimoramento do ensino, colocando a sala de aula como um ambiente de pouca relevância para a consolidação do conhecimento, pois a atualização das informações tem ocorrido de forma acessível a todos satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que as buscam através dos novos meios de comunicação, como a internet e a televisão. Dessa forma a educação contemporânea é uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural. Portanto, a prática pedagógica dos alfabetizadores, atualmente, bem como a condução do processo de alfabetização e letramento na sociedade contemporânea, tem como base a necessidade de uma prática pedagógica que priorize o ensino voltado para o desenvolvimento, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida, e se torne uma fonte de efetivação de conhecimento intelectual que motivará a participação do indivíduo no processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador e formador de opinião com senso crítico para analisar as informações recebidas.

Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que os indivíduos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro.

Hoje, o professor se vê como um indivíduo em contínua aprendizagem, sua relação com o saber está em constante mudança. Ensinar é tão importante quanto aprender, e vice-versa. Ele passou a ser o eterno aprendiz.

Pode-se concluir que, alfabetização e letramento são indissociáveis. Segundo Magda Soares a alfabetização é desenvolvida no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este por sua vez só pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, em dependência da alfabetização.

A formação do alfabetizador tem uma grande especificidade, e exige do professor uma preparação que leve a compreender todas as facetas (psicológica, psicolingüística, sociolingüística e lingüística) e todos os condicionantes (sociais, culturais e políticos) do processo de alfabetização, conseqüentemente torna-o capaz de alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando.

É necessário que a escola alfabetize “letrando”, pois as crianças elaboram hipóteses e ideias antes de compreender o sistema escrito em sua complexidade. As pesquisas realizadas sobre letramento levam ao encontro de outros pressupostos, principalmente a de que as crianças não são iguais na mesma faixa etária, mas dependerão do grau de letramento do ambiente social em que estão inseridas, das práticas sociais de leitura e de escrita que têm a chance de vivenciar no meio em que vivem.

Desenvolver a prática de alfabetização e letramento, é saber mediar a construção do conhecimento dos alunos através de oportunidades reais de reflexão sobre o funcionamento grafo-fônico e ortográfico da língua escrita, possibilitando que os mesmos compreendam que escrever significa registrar o pensamento no papel, e mais, considerar importante na sala de aula, ter portadores de textos de gêneros variados.

3. JUSTIFICATIVA

A educação infantil envolve dois processos complementares e indissociáveis: cuidar e educar. Nesta etapa as crianças têm necessidades de atenção, carinho e segurança, bem como começam a ter contato com o mundo que as cercam.

Para as famílias e os profissionais da escola de educação infantil, as crianças nesta etapa da vida precisam de um espaço que as prepare para as necessidades do futuro.

Quando questionados em relação à escola de educação infantil, observou-se que tanto as famílias quanto os profissionais tinham clareza em explicar o que para eles, é este espaço. As respostas eram simples, mas cheias de significados. Para a maioria este espaço é o início do aprendizado que as crianças necessitam para a vida toda. Onde começa a convivência social e o desenvolvimento de todas as habilidades que a criança precisa para este aprendizado. As famílias perceberam e falaram sobre o desenvolvimento de seus filhos, especialmente na expressão oral, na autonomia, na iniciativa, nos hábitos de higiene, alimentação e no comportamento social.

Na escola de educação infantil, educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis. Cuidar é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Precisa considerar as necessidades da criança e estar comprometido com o outro, com sua singularidade, confiando em suas capacidades. A criança na educação infantil precisa também brincar. Propiciando a brincadeira, cria-se um espaço no qual a criança pode experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

O Plano de Ação visou contribuir com a construção da identidade da criança, propiciando atividades que possibilitaram o conhecimento de si mesmo, levando-a descobrir, sentir que possui um nome, uma identidade e que faz parte de um conjunto de pessoas em casa, na escola, na comunidade e que acima de tudo é importante.

Atividades que promovam a socialização da turma através do trabalho com os nomes, e, assim também, o educador terá acesso a um instrumento de avaliação que detectará o conhecimento prévio que a criança possui, quando esta demonstra suas hipóteses de escrita do nome. O nome da pessoa está sempre presente nas suas primeiras manifestações da escrita. As crianças podem e devem aprender muitas coisas a partir do seu nome e dos colegas da turma.

Na escola de educação infantil é possível considerar ser o início da socialização, que vai atravessar toda a vida humana, transformando a criança em um ser social, apontando lhe modos de pensar, de sentir e de agir.

Todo o trabalho desenvolvido passou por conhecimentos de prática de hábitos de higiene, saúde, limpeza, preservação do meio ambiente, cuidados com o corpo e a interação da criança com sua comunidade escolar, familiar, enfim, a sociedade.

Sentir a necessidade de proporcionar a criança um conhecimento mais amplo de si mesmo, das várias nuances do ser humano, com enfoque nas áreas cognitivas, sócio-afetiva e corporal, inseridos dentro do atual contexto sócio-histórico.

É na família que se inicia a educação da criança, a sua convivência e inclusão no mundo social. A família é a primeira e uma das mais antigas instituições sociais.

A curiosidade pelo mundo, o aprender a aprender, o conviver, aprender a conviver e a convivência social fora do ambiente familiar começam na escola, e para muitas crianças na educação infantil.

Assim sendo, depois da família, as primeiras relações sociais ocorrem e são favorecidas quando ela ingressa na escola.

A criança desde muito cedo convive com a prática de letramento, vê pessoas lendo ou escrevendo, e assim vai se familiarizando com as práticas de leitura e de escrita. Também desde muito cedo inicia seu processo de alfabetização, observa textos escritos à sua volta, e vai descobrindo o sistema de escrita, reconhecendo algumas letras, algumas palavras.

No entanto, esses primeiros passos da criança no mundo da escrita, fora e antes da instituição educativa, ocorrem, em geral, de forma assistemática, casual,

sem planejamento. É a escola que passará a orientar de forma sistemática, metódica, planejada, esses processos de alfabetização e letramento.

4. METODOLOGIA

Cabe aqui uma consideração importante acerca do tempo na educação infantil: os ritmos de produção nessa etapa são muito diferenciados, e a ansiedade do professor em executar atividades propostas, em um cronograma rígido, poderá ser improdutiva.

É importante o respeito à diversidade e à individualidade das crianças, que, nessa etapa, apresentam diferenciações significativas entre o tempo biológico (a hora de descanso, lanche, etc.), o tempo psicológico (que marca a individualidade, a singularidade, a história de vida pessoal) e o tempo cronológico (aquele do relógio, do compromisso, da hora marcada). O Projeto foi desenvolvido no decorrer do segundo semestre do ano de 2011.

5. OBJETIVOS

5.1 Geral

Contribuir para o desenvolvimento da construção da identidade da criança a partir do eixo de letramento, ao relacionar os propósitos de domínio do sistema de escrita com o universo cultural, histórico e social em que a língua está inserida.

5.2 Específicos

- Favorecer a apropriação de instrumentos que ajudarão a desenvolver competências comunicativas suficientes para entender as necessidades que se apresentem em várias circunstâncias de uso da língua oral e escrita, inserindo o aluno em situações reais de comunicação.
- Desenvolver habilidades necessárias para a convivência em grupo: ouvir e escutar, esperar a vez para falar, respeitar idéias alheias, falar de forma clara.
- Resgatar a história de vida da criança, tendo como fator primordial a elevação da sua autoestima, possibilitando que ele se identifique como sujeito da história.
- Identificar e reconhecer aspectos que o caracterizam no grupo ao qual pertence (características físicas e culturais, hábitos, costumes e valores).
- Favorecer o reconhecimento da criança na existência de diferentes modos de ser e viver, tanto na sociedade em que vive (diferenças étnicas, sociais, religiosas, de gênero) como em outras culturas (comunidades indígenas, por exemplo).
- Contribuir para a criança reconhecer-se como sujeito nas relações de estudo, consumo, trabalho e lazer que são estabelecidas no espaço em que vive.
- Promover a compreensão dos diferentes tipos de relações, harmoniosas ou conflitantes, na família, no trabalho, na produção e nas trocas.

Para alcançar os objetivos foi realizado um trabalho de campo com a turma da sala 03, na Escola Municipal Acadêmico Vivaldi Moreira, situada no Bairro Jaqueline em Belo Horizonte. A turma é composta por 20 alunos, sendo, 11 meninos e 09 meninas, com idade entre 4/5 anos.

As atividades propostas foram:

-Atividades diversas com o nome, como recorte, bingo do nome, jogo da memória;

-Brincadeiras em grupos, integrando os alunos através de rodas de conversas, a fim de possibilitar o conhecimento e a aproximação das crianças;

-Atividades individuais, como criação e confecção de crachás, a partir de desenho e cartaz para a identificação do aluno;

-Percepção do corpo a partir de observações sistemáticas, no espelho, do rosto, dos cabelos, das partes do corpo, da altura;

-Observações em duplas acerca das diferenças e semelhanças entre os demais colegas, buscando construir o conceito do *eu e do outro*;

-Após as observações no espelho, confecção de gráfico de altura dos alunos com tiras de jornal, procurando estabelecer as diferenças e as semelhanças de tamanho entre os mesmos;

-Trabalhar os sentidos:

- Tato (sensibilidade nas mãos) – Apalpar sacos e pacotes com as mãos, a fim de adivinhar que objetos estão dentro, reconhecer colegas pelo tato, andar descalço em lama, água, areia, terra, madeira, contando depois como que sentiu, manipular objetos de madeira para poder para experimentar variações de tamanho (pequeno, médio, grande).
- Visão – Identificar o branco e o preto, reconhecer, entre muitos, objetos que têm as cores primárias (vermelho, azul e amarelo), agrupar objetos de acordo com suas cores, agrupar objetos de acordo com suas formas, montar quebra-cabeças simples.
- Audição – Identificar e imitar sons e ruídos produzidos por animais e fenômenos da natureza, procurar a fonte de onde se origina determinado som, brincar de cobra cega, tocar instrumentos musicais, fazer rimas com palavras.

- Olfato – Experimentar coisas que têm e que não têm cheiro, experimentar odores fortes e fracos, agradáveis e desagradáveis em materiais como: vinagre, álcool, café, perfumes.
- Paladar – Experimentar coisas que têm e que não têm gosto, provar alimentos em diferentes temperaturas, provar alimentos fritos, cozidos, assados, crus, sólidos, líquidos, crocantes, macios, duros, provar e comparar alimentos da mesma cor, mas sabores bem diferentes: sal, açúcar, farinha de trigo comum, farinha de mandioca crua.
- Fazer um desenho de corpo inteiro, incentivando a criança a reproduzir a sua autoimagem. Para isso, disponibilizar a ela diversos materiais, como tinta, pincéis, papel colorido, botões, etc.
- Promover momentos para que o aluno observe seu próprio espaço:
- Na classe – Nomear todos os objetos e móveis ali presentes, medir a sala com fitas de jornal, fazer a maquete da sala de aula com caixas de sapatos e outros materiais.
- Na escola – Passear pelas suas dependências; conhecer funcionários; pesquisar a história da escola; trabalhar com o nome da escola, com suas origens históricas; desenhar a planta baixa da quadra, com a ajuda das crianças; investigar o quarteirão em que se situa e o nome das ruas próximas; realizar um reconhecimento do bairro, fazendo visitas às casas comerciais, praças, casas de moradores e outros lugares.
- Na rua onde mora – Fazer um reconhecimento das casas vizinhas (lado esquerdo e direito, frente e fundo); visitar pontos comerciais, tais como padarias, farmácias, vendas, açougues (aproveitar e discutir as profissões e respectivas atividades econômicas desenvolvidas na rua e na família); realizar um reconhecimento das árvores frutíferas no quintal de casa.

Ao longo do desenvolvimento do projeto proporcionar momentos com regras para que melhor se desenvolva a função simbólica das crianças. Assim, brincadeiras de casinhas, representações de papéis como o de pai, mãe, bebê, filho, tia, avô, avó, professora, padeiro, açougueiro, médico, foram trabalhadas. A

organização do baú com roupas e adereços deu um toque fantástico no desenvolvimento dessa atividade.

Por outro lado, a dinâmica escolar favorece o diálogo, trocas de experiências, proporcionando condições para que os alunos se sintam sujeitos do espaço, da história e das relações do grupo. Nessas dinâmicas, foi importante influir, para que cada resposta das crianças oportunizasse novas perguntas, estabelecendo-se assim um diálogo, aspecto importante na visão sócio-histórica. A seguir, algumas das perguntas realizadas na entrevista:

- Como é formada sua família? É grande ou pequena?
- Seu pai trabalha? Sua mãe? Seus irmãos? Em quê?
- Eles gostam do que fazem? Por quê?
- Recebem muito ou pouco dinheiro? Quanto?
- O que sua família faz com esse dinheiro?
- O que é preciso para trabalhar?
- Criança deve trabalhar? Por quê? Em quê?

-Reconstrução da história do aluno, da escola e do bairro, ajudando-o a compreender que essas histórias podem ocorrer simultaneamente, com uma série de relações entre si;

-Organização de mural de fotografias, após as pesquisa e excursão;

-Construção da linha do tempo e do livro da vida. Para esta atividade Foi solicitado ajuda dos pais;

-Criação de situações para que os alunos discutam, comparem e troquem dados referentes à pesquisa realizada;

-Organização de encontros com a presença de membros da família, para que contem suas histórias, assim como as do bairro e da rua;

-Hora da história: Ler para os alunos, também disponibilizar vários livros, possibilitando que os mesmos escolham e comentem sobre sua leitura.

6. CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DO PLANO DE AÇÃO

ATIVIDADES	PERÍODO						APLIACAÇÃO SEMANAL
	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
Entrevista	X						2 vezes
Reconstrução da história do aluno	X	X					2 vezes
Confecção de crachá	X	X					2 vezes
Linha do tempo			X	X			1 vez
Livro da vida	X	X	X	X	X		2 vezes
Hora da história	X	X	X	X	X	X	Diariamente
Brincadeira	X	X	X	X	X	X	Diariamente
Mural de fotografia			X	X			2 vezes
Confecção de gráfico			X	X			1 vez
Atividades com o nome	X	X	X	X	X	X	2 vezes
Atividades de Percepção			X	X	X		2 vezes
Música	X	X	X	X	X	X	Diariamente
Atividade de psicomotricidade	X	X	X	X	X	X	Diariamente
Cantinho de leitura	X	X	X	X	X	X	Diariamente
Leitura na biblioteca	X	X	X	X	X	X	1 vez
AVALIAÇÃO	Contínua e processual						

Observação: Este cronograma poderá sofrer alterações ao longo do semestre, em virtude dos avanços ou dificuldades percebidas no trabalho com a turma.

7. RESULTADOS E ANÁLISES

O projeto desenvolvido atendeu, em grande medida, os alunos da educação infantil, sala 03. A turma era muito agitada, tinha dificuldade de se relacionar com os colegas, não conseguiam reconhecer o nome, exceto um aluno que registrava o seu nome. Através das diversas atividades trabalhadas, como nome, bingo do nome, dominó do nome, quebra-cabeça, música, sentido, história, pintura, colagem, desenho e brincadeiras. Os alunos desenvolveram no âmbito pessoal a socialização, a autoconfiança, a autoestima, construção da sua própria identidade, autonomia, curiosidade, aceitação do outro e das diferenças e o estímulo ao pensamento crítico. No âmbito do letramento e alfabetização os alunos criaram o hábito da leitura diária, tanto direcionada como espontânea, estimulando-os na apropriação da escrita. Todas as atividades foram trabalhadas de forma interdisciplinar, percorrendo todas as disciplinas: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Corpo e Movimento, Natureza e Sociedade e Arte.

Os dados obtidos pelo questionário informativo, respondido pelos pais, auxiliaram a compor melhor o perfil da turma, assim, como também, a entender algumas situações do desenvolvimento das crianças, percebidos em sala de aula: interesse pelas brincadeiras, atividades em grupo, acompanhamento da família pelas atividades do dever de casa, as habilidades motoras, dentre outras.

A escola tem um papel de fundamental importância na construção da identidade e autonomia de cada criança que passa por seus bancos, principalmente na Educação Infantil, onde os indivíduos estão mais flexíveis à aprendizagem, ao se identificar com o modelo de ser humano que lhe é apresentado.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade tem a função de distinguir, marcar as diferenças, sejam elas, físicas, emocionais e comportamentais, dos indivíduos. Sendo assim, de nada adianta prepararmos planejamentos especiais para trabalhar a identidade, se não é respeitado o ritmo de cada criança em sala de aula. É imprescindível que o educador atuante na fase inicial do processo de construção da identidade promova situações onde a criança reconheça suas particularidades e interaja com outras crianças, seja qual for à faixa etária.

Construir a identidade implica conhecer os próprios gostos e preferências e dominar habilidades e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem se convive. Esse autoconhecimento começa no início da vida e segue até o seu fim, mas é fundamental que alguns conhecimentos sejam adquiridos ainda na creche.

Assim que nasce, o bebê permanece um bom tempo em fusão com a mãe. Isso significa que ele ainda não é capaz de reconhecer os próprios limites e os limites dos outros. Por isso o desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida está intimamente ligado a experiências de frustração pelas quais terá de passar para compreender-se como um ser único em meio a outros seres igualmente singulares, ou seja, um ser com identidade própria.

A originalidade da identidade está naquele círculo de pessoas com quem a criança interage no início da vida. Em geral a família é a primeira matriz de socialização. Ali, cada um possui traços que o distingue dos demais elementos ligados à posição que ocupa (filho mais velho, caçula, etc.), ao papel que desempenha as suas características físicas ao seu temperamento às relações específicas com pai, mãe e outros membros.

A criança participa, também, de outros universos sociais, como festas populares de sua cidade ou bairro, igreja, feira ou clube, ou seja, pode ter as mais diversas vivências das quais resultam um repertório de valores, crenças e conhecimentos.

O cerne da construção da identidade está nas pessoas com as quais a criança estabelece vínculos. A família é o primeiro canal de socialização, em seguida, e tão importante quanto, está à escola.

Enfim, é muito importante considerar que enquanto educadores, somos sim responsáveis pelos seres humanos que teremos em nossa sociedade num futuro não tão longínquo e mais, somos responsáveis pelo futuro deste país já tão massacrado.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir este trabalho, ampliei minhas percepções e conceitos acerca do desenvolvimento e construção da identidade durante a infância. Percebi que o educador deve manter um olhar atento à criança na ocorrência dos momentos em que a mesma irá desenvolver trabalhos individualmente e em grupo, levando-se em consideração que as crianças percorrem caminhos parecidos, mas em velocidades diferentes, de acordo com o meio em que vivem, correspondendo aos estímulos que recebem dos adultos que as cercam.

O desenvolvimento infantil não é linear, as crianças avançam, aparentemente para ou recuam, conforme seu estado emocional ou através da necessidade de rever uma hipótese no intuito de aprimorá-la. Conhecendo bem os seus alunos, o professor saberá se determinado conteúdo é adequado ou não.

Entretanto, a intervenção de um bom profissional para atender a escola de educação infantil se faz necessária, para que a criança possa ampliar suas capacidades e desenvolver suas habilidades. É preciso ter professores comprometidos com a prática educacional, capazes de atender às demandas das famílias e das crianças, e também às questões relativas aos cuidados e aprendizagens infantis, realizando uma constante avaliação do seu trabalho, procurando aprimorar cada vez mais sua atuação.

Sabe-se que somente isso não é suficiente para uma escola de educação infantil desenvolver um trabalho com qualidade, a participação da família também se faz necessária, conforme as evidências obtidas na pesquisa realizada. É importante que a escola crie mecanismos onde a participação da família seja voluntária e não apenas uma obrigação. Na relação família-escola, deve-se criar um diálogo onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, uma troca de saberes, onde o respeito pelos espaços de cada segmento deve estar presente.

Todos os envolvidos têm consciência do que representa o espaço da educação infantil, e como se percebem neste processo, sentindo-se capazes de participar e comprometidos com a escola no processo para a construção de um projeto político pedagógico capaz de suprir todas as exigências para atender as crianças, buscando a qualidade.

Com este trabalho, acredito ter dado mais um passo no sentido de contribuir

para que a importância da escola de educação infantil seja reconhecida pela sociedade, como um direito das crianças e das famílias, um dever do Estado e um desafio de todos nós.

Na impossibilidade de determinar que a palavra alfabetização passe a significar não só a aprendizagem do sistema alfabético, mas também a aprendizagem dos usos sociais e culturais desse sistema, é que a "invenção" da palavra letramento tornou-se necessária e, na educação infantil, devem estar presentes tanto atividades de introdução da criança ao sistema alfabético e suas convenções - alfabetização - quanto as práticas de uso social da leitura e da escrita - letramento.

Curiosamente, atividades bastante comuns na educação infantil, os desenhos, os jogos e as brincadeiras de faz de conta não são consideradas atividades de alfabetização, quando representam, na verdade, a fase inicial da aprendizagem da língua escrita, constituindo, segundo Vygotsky, a pré-história da linguagem escrita: quando atribui a rabiscos e desenhos ou a objetos a função de signos, a criança está descobrindo sistemas de representação, precursores e facilitadores da compreensão do sistema de representação que é a língua escrita.

Como comprovam inúmeras pesquisas e observações em instituições de educação infantil, as crianças de 4 e 5 anos, com raras exceções, evoluem rapidamente em direção ao nível alfabético se são orientadas e incentivadas por meio de atividades adequadas e sempre de natureza lúdica, característica necessária na educação de crianças pequenas: escrita espontânea, observação da escrita do adulto, familiarização com as letras do alfabeto, contato visual frequente com a escrita de palavras conhecidas, sempre em um ambiente no qual estejam rodeadas de escrita com diferentes funções: calendário, lista de chamada, rotina do dia, rótulos de caixas de material didático.

Mesmo atividades muito presentes na educação infantil, via de regra consideradas apenas por sua natureza lúdica, como a repetição de parlendas, a brincadeira com frases e versos trava-línguas, as cantigas de roda e memorização de poemas são passos em direção à alfabetização porque, se forem orientadas nesse sentido, desenvolverão a consciência fonológica, um aspecto fundamental para a compreensão do princípio alfabético: se o sistema alfabético representa os sons da língua, é necessário que a criança torne-se

capaz de voltar sua atenção não apenas para o significado do que fala ou ouve, mas também para a cadeia sonora com que se expressa oralmente ou que recebe oralmente de quem com ela fala; que perceba, na frase falada ou ouvida, os sons que delimitam as palavras, em cada palavra, os sons das sílabas que constituem cada palavra, em cada sílaba, os sons e que são feitas. Várias pesquisas comprovam a correlação entre consciência fonológica e progresso na aprendizagem da leitura e da escrita. Portanto, jogos voltados para o desenvolvimento da consciência fonológica, se realizados sistematicamente na educação infantil, criam condições propícias e, inclusive, necessárias para a apropriação do sistema alfabético.

A leitura frequente de histórias para crianças é, sem dúvida, a principal e indispensável atividade de letramento na educação infantil. Se adequadamente desenvolvida, essa atividade conduz a criança, desde muito pequena, a conhecimentos e habilidades fundamentais para a sua plena inserção no mundo da escrita.

Por um lado, esta é uma atividade que leva a criança a se familiarizar com a materialidade do texto escrito: conhecer o objeto livro ou revista, descobrir que as marcas na página - sequências de letras - escondem significados, que textos são "para ler", não as ilustrações, que as páginas são folheadas da direita para a esquerda, que os textos são lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo, que os livros têm autor, ilustrador, editor, capa. Por outro lado, a leitura de histórias é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão de textos escritos, de inferência, de avaliação e de estabelecimento de relações entre fatos. Tais habilidades serão transferidas posteriormente para a leitura independente, quando a criança tornar-se apta a realizá-la.

Naturalmente, para que a leitura oral de histórias atinja esses objetivos, não basta que a história seja lida. É necessário que o objeto portador da história seja analisado com as crianças e sejam desenvolvidas estratégias de leitura, tais como: que a leitura seja precedida de perguntas de previsão a partir do título e das ilustrações, que seja propositadamente interrompida, em pontos pré-escolhidos, por perguntas de compreensão e de inferência, que seja acompanhada, ao término, por confronto com as previsões inicialmente feitas, por

meio da avaliação de fatos, personagens, seus comportamentos e suas atitudes.

Outros gêneros de textos também devem ser objeto de leitura do adulto para as crianças: textos informativos, textos publicitários, textos jornalísticos, histórias em quadrinhos, etc., ou seja, na educação infantil, a criança pode e devem ser introduzidas a diferentes gêneros, diferentes portadores de textos. Além disso, pode-se levá-la a identificar o objetivo de cada gênero, o leitor a que se destina e o modo específico de ler cada gênero.

Do mesmo modo, atividades de letramento com a escrita podem e devem ter presença frequente na educação infantil. A todo momento surgem oportunidades de registrar algo como apoio à memória, de ditar para o adulto uma carta que se quer enviar a alguém, de construir um cartaz sobre um trabalho desenvolvido. Enfim, são inúmeras as situações que podem ser aproveitadas para que as crianças percebam a função da escrita para fins diversos e a utilizem em práticas de interação social.

Embora as atividades de alfabetização e letramento diferenciem-se tanto em relação às operações cognitivas por elas demandadas quanto em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos que as orientam, essas atividades devem desenvolver-se de forma integrada. Caso sejam desenvolvidas de forma dissociada, a criança certamente terá uma visão parcial, portanto, distorcida do mundo da escrita.

A base será sempre o letramento, já que leitura e escrita são fundamentais, meio de comunicação e interação, enquanto a alfabetização deve ser vista pela criança como instrumento para que possa envolver-se nas práticas e usos da língua escrita. Assim, a história lida pode gerar várias atividades de escrita, como pode provocar uma curiosidade que leve à busca de informações em outras fontes. Frases ou palavras da história podem vir a ser objeto de atividades de alfabetização e poemas podem levar à consciência de rimas e aliterações. O essencial é que as crianças estejam imersas em contexto letrado, o que é outra designação para o que também se costuma chamar de ambiente alfabetizador, e que nesse contexto sejam aproveitadas de maneira planejada e sistemática, todas as oportunidades para dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que elas já vinham vivenciando antes de chegar à instituição de educação infantil.

9. REFERÊNCIAS

DAUNIS, Roberto. *Jovens Desenvolvimento e Identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

SOARES, Suelly G. *Arquitetura da identidade: Sobre educação, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

REGO, T. C.. *Vygotsky, Uma Perspectiva histórico-cultural da Educação*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. *Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos*. Rio de Janeiro: FAE, 1988.

JUNG, C. G. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In: SOARES, M.

Letramento: um tema em três gêneros. BH: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: SOARES, M.

Alfabetização e letramento. SP: Contexto, 2003

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caderno do professor / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989, p.53.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

CASTRO, A. H. O professor e o mundo contemporâneo. *Jornal O Diário Barretos*, opinião aberta, 08 jul 2004.

LOPES, Vanessa Gomes, *Linguagem do Corpo e Movimento*. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

Revista Criança do Professor de Educação Infantil. Ministério da Educação, nº 35, dezembro de 2001, *Projeto Identidade*, p. 19 a 21.

VIGOTSKY, L. S., ***Pensamento e Linguagem***. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Revista Pátio Educação Infantil - Ano VII - **Nº 20** - Oralidade, alfabetização e letramento - Jul/Out, 2009.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

10. ANEXOS



FIG. 1: Educação Infantil



FIG. 2: Desenho do corpo

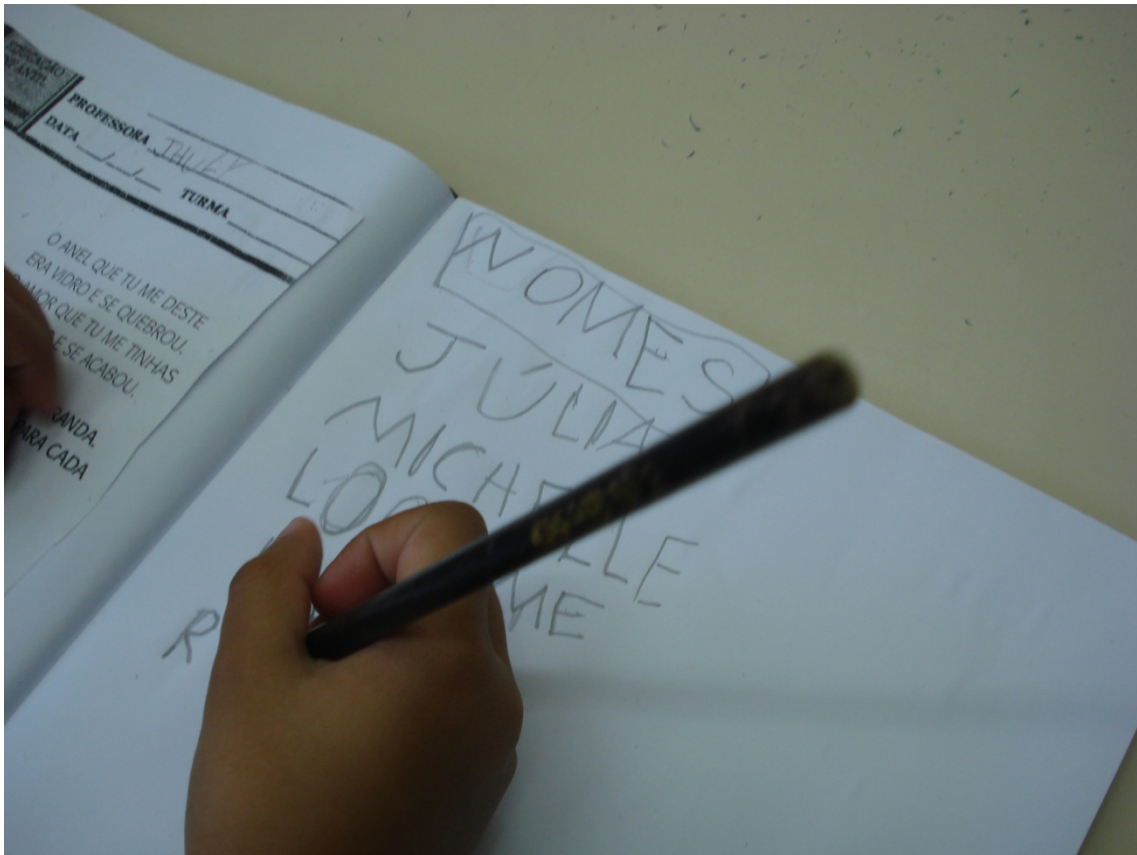


FIG. 3: Registro do nome



FIG. 4: Montando quebra cabeça



FIG. 5: Lendo com a Família

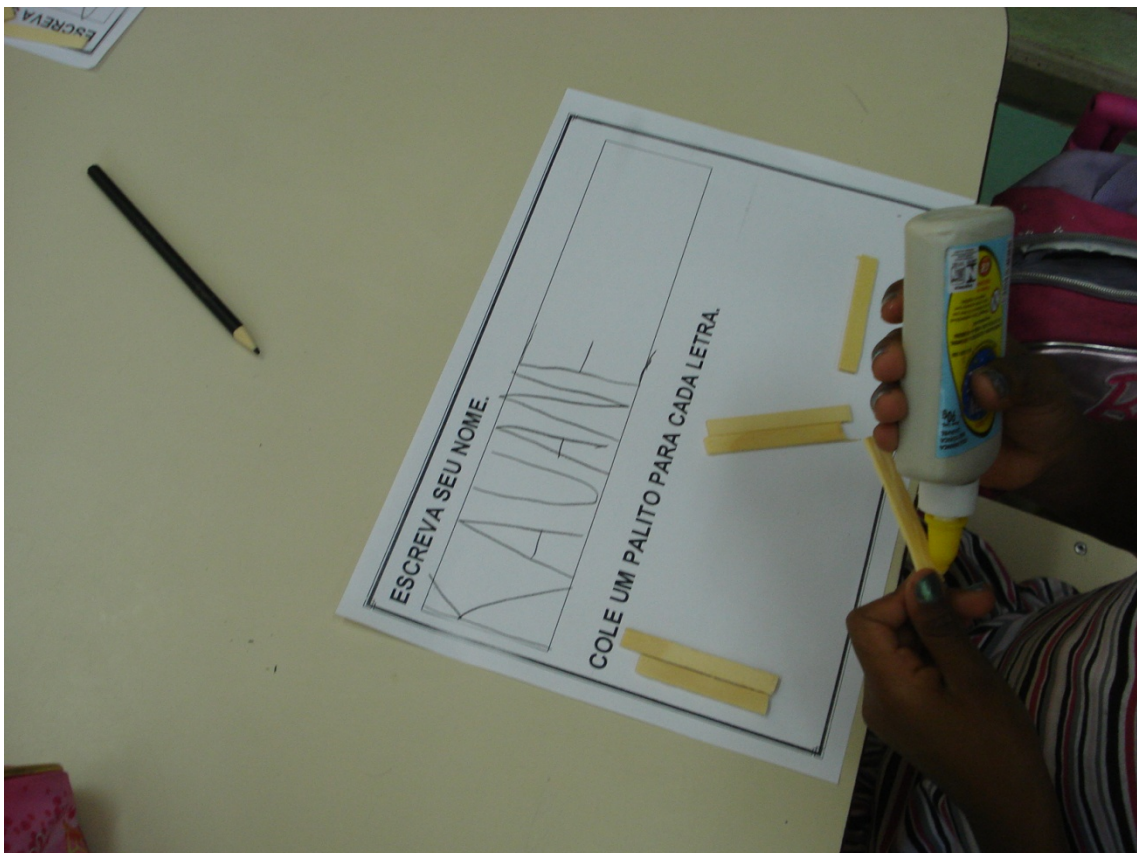


FIG. 6: Atividade interdisciplinar



FIG. 7: Arte desenvolvida com o apoio da família



FIG. 8: Atividade de artes – A casa do Birosca



FIG. 9: Mural – Planeta Careca

QUESTIONÁRIO INFORMATIVO

ESCOLA MUNICIPAL ACADEMICO VIVALDI MOREIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ÁREA: Alfabetização e Letramento

Srs. Pais/responsáveis,

O questionário abaixo é um instrumento de coleta de dados a respeito da vida escolar e pessoal de seu (sua) filho (a). As informações nele oferecidas são sigilosas e ajudarão à escola e professor a entender melhor os processos de desenvolvimento da aprendizagem do seu (sua) filho (a) reelaborando, se necessário, algumas intervenções de aprendizagem.

Para tanto, pedimos especial atenção de sua parte, respondendo ao que se pede.

01 – Nome completo da criança: _____

02 – Data de aniversário: _____ / _____ / _____

03 – Endereço: _____, Nº _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____

04 – Seu (sua) filho (a) frequentou alguma escola de Educação Infantil?

() Sim () Não

05- Caso já tenha frequentado, favor informar:

() Creche () Escola Pública/UMEI () Escola Particular

Assinale os tempos escolares frequentados nesta escola:

() Maternal I – 1 ano

() Maternal II – 2 anos

() Maternal III – 2/3 anos

() 1º Período – 3/4 anos

06 – Pela tarde, seu (sua) filho (a) é cuidado pela / por:

() pai () mãe () avós () irmãos () tios () empregada () vizinhos

07 – As atividades de para casa são realizadas com a ajuda de:

() pai () mãe () avós () irmãos () tios () empregada () vizinhos

08 – Que programas de TV seu (sua) filho (a) gosta de assistir? Escreva 3 (três) em ordem de prioridade.

1° _____
2° _____
3° _____

09 – Na sua casa, seu (sua) filho (a) tem contato com:

- () Jornais diversos
- () Revistas diversas
- () Livros de histórias
- () Raramente temos estes materiais em casa
- () Não temos estes materiais em casa. Os mais frequentes são os livros da escola.

10 – Alguma vez vocês já deram um livro de histórias de presente para seu (sua) filho (a)?

- () Sim () Não

Em caso afirmativo:

Qual o nome do livro? _____

Quando foi? _____

11 – Na sua casa, trabalha (m) fora:

- () Papai Profissão: _____
- () Mamãe Profissão: _____

12 – Os pais moram:

- () Juntos () separados

Caso sejam separados, vivem um segundo casamento?

- () Sim () Não

13 – Seu (sua) filho (a), nosso (a) aluno (a), tem irmãos?

- () 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais

14 – Por que colocaram seu (sua) filho (a) na escola? O que esperam dela?

